

TEOLOGIA E NEGRITUDE: POR QUE TEMOS QUE FALAR DESSE TEMA E COMO FALAR ESCUTANDO?

Theology and blackness:

Why do we have to talk about this topic and how to talk by listening?

Claudecir dos Santos*

*Doutor em Filosofia (UNISINOS (2013); e Pós-doutorado em Educação Comparada, desenvolvido junto ao Grupo de Investigación (GIR) de *Educación Comparada Y Políticas Educativas* (ECPES) da Universidade de Salamanca - USAL, Espanha (2020). Professor no Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado em Educação), e no Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Chapecó.

 claudedir.santos@uffs.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3304-757X>

Recebido em: 09/07/2025

Aprovado em: 05/12/2025

Resumo

Este artigo é resultado de pesquisas desenvolvidas na área da educação que abordam questões relacionadas à representatividade negra e à presença da população negra na história da educação brasileira. No decorrer dessas pesquisas, surgiu a oportunidade e a necessidade de discutir esse tema – teologia e negritude. É nesse contexto que emerge o presente artigo, cujo objetivo é incentivar o estudo acerca da teologia e da negritude, sinalizando a necessidade de abordar esse tema de forma crítica e comprometida com a escuta das experiências e vozes negras. Para tanto, o artigo procura responder a seguinte pergunta: por que temos que falar desse tema – teologia e negritude – e como falar escutando? Ao longo de três seções temáticas, fundamentado em autores negros, como Achille Mbembe, James Cone e Ronilso Pacheco, entre outros, o texto problematiza essa questão, procurando evidenciar

como a invisibilidade negra está no centro dessa discussão e por que é necessário tratá-la a partir da experiência negra.

Palavras-chave: Experiência negra; Invisibilidade; Negritude; Teologia.

Abstract

This article is the result of research developed in the field of education that addresses issues related to black representation and the presence of the black population in the history of Brazilian education. In the course of these researches, the opportunity and the need arose to discuss this topic – theology and blackness. It is in this context that the present article emerges, whose objective is to encourage the study of theology and blackness, highlighting the need to approach this topic in a critical way and committed to listening to black experiences and voices. To this end, the article seeks to answer the following question: why do we have to talk about this topic – theology and blackness – and how to speak by listening? Throughout three thematic sections, based on black authors, such as Achille Mbembe, James Cone and Ronilso Pacheco, among others, the text problematizes this issue, seeking to highlight how black invisibility is at the center of this discussion and why it is necessary to deal with it from the black experience.

Keywords: Black experience; Invisibility; Blackness; Theology.

INTRODUÇÃO

O campo acadêmico possui certas convenções, regras e comportamentos que, não raras vezes, nos aprisionam. O “encaixe” em linhas de pesquisa, temáticas, teorias, conceitos etc., é, em grande medida, compreensível, afinal, esse é o caminho para as especializações, para o aprofundamento em determinada área do saber. Entretanto, esse alinhamento a uma especialidade é também uma forma de aprisionamento, que pode provocar uma miopia social.

A reflexão acima decorre da experiência de escrever este artigo. Exemplifico: sou hoje professor universitário, docente em um curso de graduação e em um programa *stricto sensu* na área da Educação. Consequentemente, faço parte de um Grupo e de uma Linha de Pesquisa, nos quais direciono minhas investigações acadêmicas. Quem atua no campo acadêmico sabe que esse percurso faz parte da formação que se inicia na graduação e pode estender-se até o pós-doutorado ou outras titulações próprias da área. Portanto, sou hoje professor-pesquisador, agente de um *campo*¹ que tem suas próprias regras, exigências e troféus.

Quem atua no campo acadêmico já deve ter compreendido onde quero chegar com o exemplo. Contudo, penso ser necessário explicitar que o utilizei para descrever o “incômodo” que senti quando fui provocado a escrever sobre um tema do qual não sou pesquisador. Confesso que não foi, e continua não sendo fácil falar sobre teologia e negritude, mas essa provocação despertou em mim a compreensão de que ignorar essa tarefa seria dar continuidade à invisibilidade do povo negro; seria invisibilizar-me, como negro que sou.

O artigo resulta de pesquisas e leituras realizadas acerca dessa temática – teologia e negritude – e de experiências pessoais refletidas à luz do significado de ser negro. Nesse contexto investigativo-perceptivo-sensitivo, comecei a dar atenção a certas “normalidades” que sustentam e alimentam realidades parciais. No que diz respeito ao negro, essa “normalidade” é a invisibilização. E isso está presente na teologia tradicional², daí uma das motivações para o surgimento da teologia negra, tema que tratarei em uma das seções deste artigo.

A teologia não teve espaço ou foi “retirada” do campo acadêmico. São raras as instituições que têm curso de Teologia. Ela tornou-se um assunto de seminários e cursos voltados a agentes do campo religioso. Esse fenômeno, porém, nos últimos tempos, tem provocado interessantes movimentos acadêmicos, entre eles a tentativa de compreender as opções políticas das pessoas que fazem parte das religiões evangélicas. E torna-se ainda mais significativo observar que, como

1 Para essa reflexão, o conceito de *campo* mencionado é o conceito problematizado por Pierre Bourdieu. O pensador francês Pierre Bourdieu (1930-2002), foi um dos mais importantes intelectuais do século XX. Sua obra tornou-se referência, em especial, na área da sociologia e da antropologia, abarcando uma ampla gama de temas, entre eles o conceito de campo que, em síntese, refere-se a todos os espaços onde se desenvolvem relações de poder, sendo aplicável a todos os domínios da vida social.

2 A concepção de teologia tradicional aqui empregada, segue às descrições de James H. Cone, na crítica que o autor faz da suposta universalidade da teologia tradicional europeia e norte-americana, em outras palavras, a teologia ocidental branca. Sobre isso, Santos e Andrade (2018) afirmam que, “nesse ponto, Cone está em sintonia com sua geração, que situa o fazer teológico, seu discurso e sua tradição nas condições históricas de sua produção, assumindo a hermenêutica não apenas como um momento metodológico, mas como condição da própria teologia (Santos e Andrade 2018, p. 358).

a maioria dos fiéis de determinadas denominações religiosas são pessoas negras, as explicações para esse fenômeno, em geral, vêm de fora para dentro, ou seja, são formulações distantes da experiência negra que compõe a vida em sua totalidade. São explicações fundamentadas em números estatísticos que respondem a determinadas variáveis, mas estão longe de representar o sentimento de um povo. No fundo, da forma como são conduzidas, muitas dessas pesquisas reproduzem o racismo institucionalizado que seus próprios autores afirmam combater.

Como já foi dito por diferentes pensadores, no Brasil, *ser negro é diferente de não ser*. Essa não é uma simples frase: se fosse, as pesquisas já teriam respondido às inúmeras interrogações sobre as diversas faces do racismo em nosso país. Para compreender o peso dessa afirmação, podemos recorrer à pergunta que Achille Mbembe³ nos leva a formular: você desejaria ser negro ou, na prática, ser tratado como tal?

De algum modo, sabemos como o negro foi tratado ao longo da história, mas sabemos o que ele disse sobre esse tratamento? Escutamos o grito negro que expressa a experiência cotidiana de ser negro? Tenho prestado atenção sobre as razões pelas quais essas perguntas continuam sendo formuladas. A meu ver, uma das razões está na insistente invisibilidade do negro. Essa invisibilidade está presente na teologia tradicional e precisa ser discutida. O maior desafio, porém, não é apenas falar dela, mas falar escutando quem vive a experiência da invisibilidade.

Seguindo esse raciocínio, organizei o presente artigo sobre teologia e negritude com o propósito de responder a uma pergunta: por que temos que falar desse tema e como falar escutando? Espero que ele possibilite algumas reflexões e, para além disso, permita que você tenha contato com outras importantes referências aqui citadas, que lhe proporcionem novas descobertas.

O artigo está dividido em três seções temáticas. Na primeira, discuto a modernidade e o projeto de conhecimento e de autogovernança a partir das contribuições do filósofo, historiador e teórico político camaronês Achille Mbembe. Na segunda, abordo a teologia negra, descrevendo por que precisamos conhecê-la para não a colonizar novamente. Na terceira, recuperando aspectos das duas primeiras seções, procuro responder à pergunta: o que significa falar do tema teologia e negritude escutando quem, diuturnamente, o vivencia? Nas considerações finais, o artigo chama a atenção para o despertar de ações que possam contribuir para o fortalecimento dessa temática: teologia e negritude.

1. A MODERNIDADE E O PROJETO DE CONHECIMENTO E DE AUTOGOVERNAÇÃO

Para início de conversa, precisamos falar da modernidade e do projeto moderno de conhecimento e de autogovernança. É possível tratar desse tema a partir de diversos autores e concepções, mas, como mencionei na introdução, a intenção deste artigo é, também, proporcionar contato com outras importantes referências que discutem questões relacionadas à temática deste dossiê. Aproveito para já mencionar uma dessas referências: Achille Mbembe, um dos pensadores

³ Achille Mbembe, é professor de História e Ciência Política na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul. Também leciona na Universidade Duke, nos Estados Unidos.

mais proeminentes no que diz respeito aos estudos do pós-colonialismo. Neste artigo, farei menção, em particular, à sua obra *A crítica da razão negra* (2014).

Na obra mencionada, Mbembe nos convida e provoca a pensar o mundo a partir da experiência negra. Entre as ideias centrais expressas, problematizadas e defendidas pelo autor, destaco algumas que ajudarão a fundamentar as reflexões que farei nas próximas seções temáticas. Por exemplo, a defesa de que:

a) O negro é uma categoria social. Essa construção teve início nos primórdios do capitalismo e foi intensificada com o desenvolvimento do sistema escravista moderno, no qual o negro se tornou mercadoria;

b) O termo “negro” foi inventado. Uma invenção com propósitos de exclusão. Daí a observação de que “[...] o Negro é aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê” (Mbembe, 2014, p. 11);

c) O projeto de conhecimento e de autogovernança difundido na e pela modernidade foi marcado por uma visão eurocêntrica colonizadora. Essa visão centralizou a produção do saber e, por muito tempo, impediu e/ou controlou o pensamento crítico em torno do Negro.

Como disse, destaco aqui apenas algumas ideias centrais que ajudarão na sequência da reflexão. Não sendo a intenção problematizá-las isoladamente, registro apenas que, embora fosse possível escrever um artigo sobre cada uma delas, neste estudo as observo em seu conjunto, a fim de demonstrar por que a invisibilidade histórica do Negro justifica ações contemporâneas que procuram não mais escondê-lo ou invisibilizá-lo. Entre essas ações está a teologia negra, da qual tratarei na próxima seção.

Seguindo a forma de escrita de Mbembe nos capítulos aqui referenciados, utilizarei a expressão “Negro” escrita dessa forma (com o N maiúsculo) para falar dessa categoria. Acredito que, no contexto deste trabalho, a opção ficará clara.

O eurocentrismo nos disse como deveríamos ser alfabetizados, o que deveríamos ler, como deveríamos ser educados, quais seriam as estruturas para a elaboração e escrita de nossos pensamentos e tantas outras coisas. Aqui, cabe uma importante ponderação: neste momento, não faço juízo de valor acerca do processo de formação do pensamento colonizador – farei isso em outro lugar. Por ora, apenas descrevo um processo que fez parte da história. Esse processo é carregado de perigos e possibilidades; por isso, deixo os juízos para depois. Sobre isso, Mbembe afirma:

Para aprender com mais exatidão a importância destes perigos e possibilidades, não é demais recordar que, de uma à outra ponta da sua história, o pensamento europeu sempre teve tendência para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo ao mesmo, de surgimento do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro ou, ainda, no seu próprio espelho (Mbembe, 2014, p. 11).

De acordo com Mbembe, no processo de colonização que vivenciamos, a lógica europeia de autocontemplação e, sobretudo, de enclausuramento fez com que o Negro e a raça tivessem o mesmo significado. Assim, a modernidade difundiu um projeto de conhecimento e

autogovernança: “[...] um e outro representam duas figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu” (Mbembe, 2014, p. 11).

A pergunta que Mbembe faz sobre esse delírio diz respeito às manifestações mais elementares que ele provocou e provoca. Nas suas palavras, em primeiro lugar, esse delírio “[...] deve-se ao fato de o Negro ser aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender” (Mbembe, 2014, p. 11). Em segundo lugar, “[...] deve-se ao fato de que ninguém – nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome – desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal” (Mbembe, 2014, p. 11).

Talvez aqui, de forma fragmentada, essa observação não alcance tudo o que expressa na obra, mas, em síntese, o “delírio” que ela revela é que o mesmo sistema racional que cria e anuncia o Negro o subjuga de forma irracional. Em outras palavras, a invisibilidade que o Negro sofre alimenta o racismo. Assim, ele existe para ser oprimido e desumanizado.

Na visão de Mbembe, as confusões entre o uso das categorias “negro”, “escravo” e “raça” tumultuam a compreensão, o enfrentamento e a superação do racismo. Veja um exemplo apontado pelo próprio autor: em muitos países, assevera-se agora um “racismo sem raça”. Chamo a atenção para as consequências dessa atitude, pois ela mascara uma forma de violência que outrora era praticada sem moderação, mas que, agora, embora não seja mais aceitável no formato antigo, continua a ser exercida. Ou seja, se hoje, em função do politicamente correto e/ou do medo do cancelamento, o racismo não é justificado na e pela biologia, a cultura e a religião o difundem de diversas formas.

Mbembe diz que a ação de tornar a raça conceitualmente impensável também fez com que práticas discriminatórias fossem aprimoradas. A cultura e a religião foram – e continuam sendo – utilizadas para esse aprimoramento.

Note-se que essa forma de “enfrentamento” ao racismo é inócua e pode ser perigosa. Por isso, em certos contextos, é preciso usar e sublinhar a palavra “raça”, mesmo quando muitas pessoas “esclarecidas” dizem que ela está ultrapassada. E por que isso se faz necessário? Porque, sob a justificativa de que já superamos os estudos sobre raça ou de que a palavra está em desuso, o racismo continua a ser praticado de outras formas.

Portanto, quando se afirma que o universalismo republicano é cego em relação à raça, é preciso estar atento a essa declaração, pois, segundo Mbembe, com tal defesa “[...] encerram-se os não brancos nas suas supostas origens, e continuam a proliferar categorias totalmente racializadas” (Mbembe, 2014, p. 20). Essas categorias alimentam os preconceitos contra as populações negras e dão sustentabilidade ao que chamamos de racismo estrutural.

Não podemos negar a história, tampouco tentar apagá-la de nossas memórias. Nesse sentido, é sempre pertinente lembrar que, “[...] o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria – a cripta viva do capital” (Mbembe, 2014, p. 20).

Esse tratamento fez com que o Negro vivenciasse humilhação e desonra, mas não sem lutar, sem buscar libertação. Assim, ressalta Mbembe, em uma manifesta dualidade, expressando

uma reviravolta espetacular, “[...] tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato da criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo” (Mbembe, 2014, p. 19).

Graças a essa condição de dualidade, o Negro passou a reivindicar o que antes parecia não lhe pertencer. Afinal, se seus semelhantes não faziam parte da história contada, por que querer se encontrar nela? Mas, e se eles estivessem apenas invisibilizados? E se estivessem presentes nas Escrituras? E se as personagens das histórias, dos desenhos, das pinturas, dos relatos fossem negras? E mais: se essa possibilidade realmente existe, por que razão foram invisibilizados? Essas perguntas fizeram emergir um importante questionamento sobre a teologia tradicional. É nesse contexto que ganha força a Teologia Negra.

2. TEOLOGIA NEGRA: CONHECÊ-LA PARA NÃO A COLONIZAR NOVAMENTE

Conceitualmente, é possível que a teologia negra seja uma categoria compreensível para muitas pessoas que estão lendo este artigo. Nesse caso, espero que o texto possibilite, quem sabe, uma abertura para novas leituras. Tratando-se da teologia negra, esse exercício de busca por novos saberes e experiências é fundamental, afinal, foram séculos de invisibilidade negra, portanto, há muito a dizer e a descobrir sobre ela. Para aquelas pessoas que nunca ouviram falar do tema, minha expectativa é que se desafiem a conhecê-lo. Em ambos os casos, o objetivo do artigo é o mesmo: incentivar o estudo acerca da teologia e da negritude, sinalizando a necessidade de abordar esse tema de forma crítica e comprometida com a escuta das experiências e vozes negras.

Seguindo esse objetivo, entendo ser necessário falar da teologia negra. Ou seja, as relações entre teologia e negritude não podem ignorar o que a teologia negra propõe. Precisamos conhecê-la para não colonizar novamente uma possibilidade de promoção e vivência de uma teologia contextualizada, inclusiva e transformadora.

A teologia negra emergiu na década de 1960 nos Estados Unidos. Trata-se de um movimento teológico que surgiu entre os cristãos negros, centrado na reflexão sobre a luta da população afro-americana. Naquele momento, a liderança do pastor batista Martin Luther King Jr., em busca de justiça frente às discriminações sofridas pelos negros, inspirou o movimento. Nas palavras de Filipe Dunaway, a teologia negra “[...] encontra na experiência religiosa dos escravos negros, manifestada em seus cânticos, sermões e orações que destacam a ressurreição de Jesus, a base para o sentido escatológico ou futurista da libertação” (Dunaway, 2023)⁴

Nessa mesma direção, Santos e Andrade (2018) destacam:

A reflexão teológica negra nos Estados Unidos surge na segunda metade dos anos 1960, hegemonicamente protestante, inspirada na tradição da experiência religiosa na Igreja Negra e na histórica resistência contra a escravidão, tendo como pano de fundo a luta do Movimento dos Direitos Civis e o Movimento de *Poder Negro*. Envolvida com os acontecimentos da época, a Teologia Negra norte-americana é pensada em consonância com as demandas sociais e políticas da comunidade negra (Santos & Andrade, 2018, p. 356).

⁴ Conforme destaca o autor, “[...] a fonte principal desta palestra é o artigo do teólogo negro norte americano James Cone, “Black Theology,” em *The Westminster Dictionary of Christian Theology*.

Uma palavra importante nesse contexto de compreensão da teologia negra é *hermenêutica*. O termo tem raízes no verbo grego *hermeneuein* (interpretar) e no substantivo *hermeneia* (interpretação)⁵, significando, de modo geral, explicar e interpretar. Disso decorre que, na teologia, a hermenêutica é fundamental, uma vez que é por meio dela que os textos bíblicos foram e continuam sendo lidos e explicados. Sobre isso, cabe sempre pensar: ao longo da história, onde esteve o Negro na interpretação e na explicação dos textos bíblicos?⁶

Citei a hermenêutica porque, no contexto da teologia negra, ela cumpre uma função essencial no que diz respeito à invisibilidade/visibilidade e à representatividade negra. Nesse sentido, a teologia negra é, também, uma espécie de teologia da libertação⁷. Santos e Andrade (2018) observam:

A Teologia Negra da Libertação (TNdL) é uma teologia cristã que ganha corpo no decorrer do século XX, a partir da experiência afro-diaspórica, constituindo-se em um complexo soteriológico-escatológico determinado pela ideia de *libertação e justiça em relação ao povo negro*. Trata-se de uma hermenêutica teológica antirracista, na qual a fé está organicamente vinculada às condições materiais de existência. Nela, busca-se uma compreensão dos textos bíblicos que efetivamente responda à realidade da comunidade negra, objetivando, por meio de valores cristãos, uma transformação concreta dessa realidade (Santos & Andrade, 2018, p. 355-6).

Esclarecido o contexto de surgimento da teologia negra, é igualmente importante mencionar algumas pessoas que tiveram contribuições fundamentais para sua consolidação. Já vimos que o movimento liderado por Martin Luther King inspirou ações que influenciaram a constituição da teologia negra. Contudo, a atuação efetiva de algumas figuras, em diferentes espaços – inclusive o acadêmico – foi decisiva para sua concepção. Entre elas, destaca-se o teólogo negro estadunidense James Cone (1936-2018). Segundo Santos e Andrade (2018), ele foi “[...] pioneiro na exposição sistemática da teologia negra através da publicação de duas obras: *Teologia negra e Poder Negro* (1969) e *Teologia negra da libertação* (1970)”.

A menção a James Cone não se deve apenas ao fato de ele ser um dos pioneiros da teologia negra nos EUA, mas também porque sua obra permanece atual e amplamente referenciada, inclusive

5 Outras explicações sobre hermenêutica podem ser consultadas no texto: *Hermenêutica*, de Cleyson de Moraes Mello. Disponível em: <https://revistas.faa.edu.br/FDV/article/view/293/232> Acesso em outubro de 2025.

6 Para o aprofundamento dessa questão, é recomendável uma reflexão acerca da exegese bíblica. Neste artigo, porém, como não há espaço para debater sobre esse importante conceito, fica a dica de um estudo utilizado para a compreensão dos alcances da exegese bíblica. Trata-se do estudo de Almeida e Funari (2016). Para eles, “[...] a importância da exegese bíblica, para não dizer de sua necessidade, reside no fato de que ela possibilita uma compreensão mais exata do sentido de um texto bíblico, e, por conseguinte, fornece bases para uma construção teológica melhor fundamentada” (Almeida e Funari, 2016. P. 45).

7 No mesmo sentido da nota anterior, este artigo não ampliará as reflexões sobre a Teologia da Libertação por não ser o foco do estudo, mas, é oportuno destacar uma passagem de Leonardo Boff sobre esse tema. De acordo com Boff (2011), “[...] a Teologia da Libertação não caiu do céu nem foi inventada por algum teólogo inspirado. Mas emergiu do bojo desse movimento maior mundial e latino-americano, por um lado político e por outro eclesial. Ela se propôs pensar as práticas eclesiais e políticas em curso à luz da Palavra da Revelação. Ela comparecia como palavra segunda, crítica e regradada, que remetia à palavra primeira que é a prática real junto e com os oprimidos. Alguns nomes seminais merecem ser aqui destacados que, por primeiro, captaram a relevância do momento histórico e souberam encontrar-lhe a fórmula adequada, Teologia da Libertação: Gustavo Gutiérrez do Peru, Juan Luiz Segundo do Uruguai, Hugo Asmann do Brasil e Enrique Dussel e Miguez Bonino, ambos da Argentina. Esta foi a primeira geração. Seguiram-se outras” (Boff, 2011, p. 2)

por estudiosos brasileiros, como veremos adiante. Contudo, outras pessoas e movimentos também contribuíram de forma decisiva para a emergência da teologia negra, como o Movimento dos Direitos Civis, o Movimento “Poder Negro” (que inspirou parte significativa da obra de Cone) e a publicação do livro *Black Religion (A Religião Negra)*, de Joseph Washington.

É nesse cenário que a teologia negra se descortina. O traço básico dessa teologia, afirmam Santos e Andrade (2018), “[...] é sua constituição marcada pela interpretação da mensagem cristã a partir das demandas de comunidades afro-diaspóricas subjugadas pelo racismo e pelas mazelas sociais herdadas da colonização” (Santos & Andrade, 2018, p. 355-6).

A teologia negra, sobretudo a proposta por James Cone, pode ser situada na chamada “virada hermenêutica” ocorrida no século XX.⁸ Nesse contexto, Cone defendeu uma teologia conectada à realidade, de modo específico, à realidade da população negra. Por isso, para Cone, “[...] a exegese do texto clássico cristão é, ao mesmo tempo, uma hermenêutica da vida” (Santos & Andrade, 2018, p. 365).

No Brasil, uma obra de referência sobre o tema é *Teologia negra: o sopro antirracista do Espírito* (2019), do teólogo Ronilso Pacheco. Um dos conceitos que Pacheco problematiza é o de “deserto”. Para ele, a teologia nasce no deserto, como fruto do testemunho dos marginalizados e dos oprimidos – daqueles e daquelas que precisam sair do(s) deserto(s) para alcançar a libertação.

Assim como Cone, Pacheco também entende que o colonialismo e a questão racial estão nas bases da teologia negra. Afinal, não foi por meio do colonizador branco europeu que se difundiu a figura de Jesus Cristo? O “Cristo branco de olhos azuis” apresentado aos negros colonizados transmite uma cosmovisão religiosa que reflete o colonizador. É um espelho que, como ressalta Mbembe, “*serve para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo, mas antes como relação do mesmo ao mesmo, no seu próprio reflexo*” (Mbembe, 2014, p. 11).

Nessa perspectiva, a teologia negra expressa o “sopro antirracista do Espírito”, subtítulo da obra de Pacheco. Em outras palavras, ela é uma forma de resistência ao racismo e, ao mesmo tempo, um chamado à reflexão para teólogos que, ao reproduzirem estruturas conceituais racistas, terminam por legitimar o chamado racismo institucionalizado.

Concluo esta seção temática acreditando que, ao longo dos parágrafos, foi possível apresentar, ao menos, esclarecimentos básicos acerca do que é a teologia negra. Espero, assim, que não tenha sido em vão a proposta de tratá-la com o propósito de *conhecê-la para não a colonizar novamente*.

Por fim, é apropriado lembrar que, para os idealizadores, seguidores e estudiosos da teologia negra – entre eles Ronilso Pacheco – só faz sentido falar desse campo em paralelo às heranças da modernidade, entre as quais se destacam a institucionalização do racismo e o regime escravocrata como sistema e estrutura. Nesse cenário, perceber como a hermenêutica foi utilizada pela teologia tradicional para interpretar a história dos antepassados por meio dos textos bíblicos é fundamental para questionar a invisibilidade do negro e propor uma hermenêutica que dê sustentabilidade a uma teologia contextualizada, inclusiva e transformadora.

⁸ Não entrarei nesse tema – virada hermenêutica – porque que não é o foco desse artigo, mas como faz parte das intenções do artigo apresentar referências para novas e outras leituras, se alguém interessar, indico a leitura do livro *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*, de Claude Geffré. Em um sentido mais filosófico, indico a obra *Verdade e método* de Hans-Georg Gadamer.

3. TEOLOGIA E NEGRITUDE: O QUE SIGNIFICA FALAR DESSE TEMA ESCUTANDO QUEM O VIVENCIA?

Nas seções anteriores, ao trazer as contribuições de Achille Mbembe para discutir o projeto eurocêntrico de *conhecimento* e de *autogovernança*, ainda em curso, bem como as compreensões acerca da teologia negra, meu objetivo foi apontar subsídios para que, neste momento, se tornasse mais amena a tarefa de explicar por que precisamos falar desse tema – teologia e negritude – escutando quem o vivencia. Por essa razão, agora, de forma mais objetiva, volto-me para algumas reflexões suscitadas nas seções anteriores, a fim de tentar responder à pergunta presente no título do artigo e retomada nesta seção.

Antes de prosseguir, porém, é importante dizer algo sobre a *concepção de escuta* aqui abordada. Como profissional da área da educação, venho me reportando ao conceito de escuta sensível desenvolvido pelo professor René Barbier⁹. Para Barbier (2004),

A escuta sensível trata-se de um escutar/ver que toma de empréstimo muito amplamente a abordagem rogeriana em Ciências Humanas, mas pende para o lado da atitude meditativa no sentido oriental do termo. A escuta sensível apoia-se na empatia. A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro, ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende, sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado (Barbier, 2004, p. 95).

A escuta sensível, da qual trata René Barbier, é voltada aos processos de pesquisa em educação, mas a associa a esta discussão sobre teologia negra por compreender que o sentido da escuta é o mesmo; ou seja, sua centralidade está na empatia, no reconhecimento e na aceitação incondicional do outro. Portanto, falar desse tema – teologia e negritude – escutando quem o vivencia implica, assim como na Pesquisa-ação, em perceber “[...] o que a escuta não é para poder apresentar, com nitidez, no vazio, o que ela poderia tornar-se no ato mesmo de viver” (Barbier, 2004, p. 94). Ao final desta seção, retornarei a essa reflexão. Agora, sigo com o que foi anunciado anteriormente sobre as reflexões suscitadas nas seções anteriores, a fim de tentar responder à pergunta presente no título do artigo.

Se prestarmos atenção, os títulos das obras mencionadas neste artigo, utilizadas para fundamentar as ideias aqui defendidas, já dizem muito sobre a importância do tema. *Crítica da Razão Negra*, por exemplo, em paralelo à *Crítica da Razão Pura*, de Kant, na qual o autor alemão propõe um exame crítico da razão para esclarecer o que ela pode conhecer, é um convite de Mbembe para nos abriremos a uma razão que possibilite à negritude encontrar e expressar a própria identidade. A condição de não ser tutelado por uma razão colonizadora é a resposta inicial para a desconstrução de ideais e categorias que permitiram a invisibilidade negra. Por isso, em *Crítica da Razão Negra*, Mbembe propõe uma leitura da realidade a partir da experiência das vidas negras – e não é possível fazê-lo mantendo distanciamento dessa experiência, sem escutar quem a vivencia.

⁹ René Barbier (1939-2017), foi um pesquisador francês, professor honorário da Universidade de Paris VII Saint-Denis em Ciências da Educação. Barbier desenvolveu suas pesquisas no campo da educação por meio do método conhecido como Pesquisa-Ação

Mas não pense que é simples interagir com a experiência negra. Quer um exemplo? Lembre-se da observação de Mbembe: “[...] ninguém – nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome – desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal” (Mbembe, 2014, p. 11). Aliás, fiz uma pergunta sobre isso na Introdução: conseguiu respondê-la?

E por que não é fácil viver a experiência negra? Porque, no nosso caso, Brasil, o processo de colonização foi intenso: até nossas almas foram colonizadas. A linguagem foi escravizada e, na esteira dessa colonização, aprendemos a nos comunicar reproduzindo os saberes e os ideais do colonizador. Como consequência, comportamentos racistas são normalizados. Mesmo pessoas que se dizem não racistas ou simpáticas às lutas negras seguem suas vidas sem questionar por que, em seus locais de trabalho, não há pessoas negras? Por que, no curso superior que frequentaram, não encontraram nem fizeram amizade com pessoas negras? Ou, por que não pensaram em uma pessoa negra na reunião em que se discutia quem assumiria um cargo superior (talvez porque as pessoas negras não estivessem sequer na reunião).

Essa lista poderia se alongar, mas paro por aqui, pois esses exemplos já são suficientes para indicar as implicações do que significa viver, de fato, uma experiência negra. Se você pensou nessas situações como uma pessoa branca, deu um passo na direção da experiência, mas isso ainda não é viver como uma pessoa negra – daí a imprescindível tarefa de escutar as pessoas negras.

A dificuldade da teologia tradicional em ouvir as vozes negras é uma das razões para a emergência da teologia negra. Na lógica colonialista, o negro não tem voz: é o senhor quem fala pelo negro. A teologia negra, portanto, reivindica um lugar de fala ao negro. Mas será que as religiões estão preparadas para conceder esse lugar às pessoas negras? Uma nova provocação: você, que é teólogo, teóloga, liderança religiosa..., está disposto(a) a escutar a experiência negra? Se essa escuta exigir uma “virada hermenêutica” na sua atuação religiosa, conseguirá colocá-la em prática?

Essas provocações, como o próprio nome indica, são apenas provocações. No entanto, não são neutras nem ingênuas: foram feitas porque fazem parte da vida de muitas pessoas, embora nem sempre cheguem aos ouvidos de quem, tradicionalmente, discute teologia. Se, de algum modo, neste momento, você se sente incomodado com o que acaba de ler, talvez esse sentimento seja parte da resposta à pergunta sobre o que significa falar desse tema – teologia e negritude – escutando quem o vivencia.

Meu desejo é que as reflexões apresentadas neste artigo não provoquem desânimo ou rejeição ao tema, mas, ao contrário, suscitem novas leituras e a percepção de que a denúncia feita pela teologia negra não é uma vingança rasa contra a teologia tradicional. Antes, é um grito para que as vozes negras ecoem em lugares que, historicamente, lhes foram negados. Mais do que isso: que ecoem por meio da representatividade negra, e não através de corpos de *outrem*. Note-se que essa não é uma tarefa simples, mas é exatamente isso que significa falar de teologia e negritude, escutando quem vivencia, no corpo e na alma, a experiência de ser negro, de ser negra, todos os dias.

É preciso reconhecer que as relações humanas são complexas, mas essa complexidade, por estar imbricada às relações sociais, políticas, econômicas e culturais, ao longo da história, foi interpretada, “explicada” e reconfigurada à luz das percepções de quem deteve as condições para

comunicar e influenciar pessoas. Em função dessa realidade, precisamos falar de temas que foram silenciados, por isso, temos que falar sobre teologia e negritude. Por quê? Porque a teologia tradicional (europeia e norte-americana, em outras palavras, a teologia ocidental branca – conforme explicação na nota 2), não enxergou o negro nas Escrituras bíblicas da mesma forma que identificou e anunciou o branco. Daí a necessidade de uma abordagem multirreferencial¹⁰ (espaço em que esse artigo se aproxima), mas, desta vez, atenta a uma necessidade urgente: a partir da escuta das vozes negras silenciadas. Essa escuta sensível, não virá dos “céus”; ela emerge do convívio com aqueles e aquelas que, diuturnamente, em todos os espaços de interação humana, vivenciam a experiência de ser negro e ser negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este artigo anunciando as dificuldades e receios em escrever sobre uma temática que não faz parte do meu campo de pesquisa atualmente. O receio, porém, não se devia tanto ao campo de atuação, mas sim às “convenções” acadêmicas. Quero dizer que termino o artigo um pouco mais aliviado em relação às angústias da escrita, e explico a razão.

As leituras que realizei nas últimas semanas, paralelamente às recordações de minha trajetória como pessoa negra, têm me ajudado nas análises e ponderações sobre o significado de ouvir, falar e ser escutado. Esse exercício, em sua completude, exige muito mais do que escrever um artigo científico. Portanto, concluo este trabalho indagando sobre ações que valeriam a pena dedicar energia, tais como: analisar criticamente as omissões e distorções históricas da teologia tradicional em relação às experiências e contribuições das populações negras; e propor caminhos e práticas teológicas que promovam o diálogo entre fé e negritude. Acredito que isso representaria uma contribuição para além da academia, valorizando a vivência religiosa negra e fortalecendo as lutas contra o racismo e as práticas colonizadoras que escravizam e desumanizam vidas em nossa sociedade.

Em síntese, se a modernidade e o projeto de conhecimento e autogovernança excluem o negro, o estudo crítico desse projeto é o caminho para superá-lo. Nesse sentido, a teologia negra pode oferecer uma possibilidade de dar visibilidade às pessoas negras e contribuir para uma nova realidade, na qual o racismo e a colonialidade deixem de fazer parte das estruturas do pensamento que invisibilizam e desumanizam essas pessoas.

Termino este artigo com a sensação de que, de fato, não é simples falar sobre teologia e negritude, mas é necessário. A responsabilidade é grande, porém, como sinaliza o teólogo negro brasileiro Ronilso Pacheco, o *sopro antirracista do Espírito* precisa continuar *ventando*; quem sabe assim possa produzir sons capazes de alcançar ouvidos moucos. O efeito de tudo isso, é claro, só terá sentido

¹⁰ “[...] A *perspectiva multirreferencial* se propõe a abordar os fenômenos sociais, mais especificamente, os relativos à educação, de modo a estabelecer um novo “olhar”, um olhar mais plural sobre o “humano”, a partir da conjugação de várias correntes teóricas, o que se desdobra em uma nova perspectiva epistemológica na construção do conhecimento” (Martins, 2014, p. 2).

se a experiência negra tiver visibilidade por meio da presença viva e ativa das pessoas negras em todos os lugares e espaços que a história lhes negou, inclusive na hermenêutica teológica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. de A.; FUNARI, P. P. A. *Exegese Bíblica: vantagens, desvantagens, limites e contribuições na interpretação moderna da Bíblia*. Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 14, n. 1, p. 45–57, 2016. DOI: 10.18224/cam.v14i1.4823. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4823> Acesso em nov. 2025.
- BARBIER, René. *A Pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber livro Editora, 2004.
- BOFF, Leonardo. *40 anos da Teologia da Libertação—A centralidade do pobre*. 2011. Disponível em: <https://orionitas.com.br/40-anos-da-teologia-da-libertacao-a-centralidade-do-pobre> Acesso em nov. 2025.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CALDEIRA, Cleusa. *Teologia negra: a fenomenologia do damné como caminho de humanização*. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 991, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/20502>
- CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*. Trad. Josué Xavier. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DUNAWAY, Filipe. *A Teologia Negra: uma introdução*. Disponível em: http://www2.teologica.br/webportal/home/images/stories/enade/teologia_negra.pdf. Acesso em agosto de 2025.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. 3.ed. Trad. Flávio Paulo Meurer. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Trad. Lúcia M. Endlich. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MARTINS, J. B. A formação de professores no âmbito da abordagem multirreferencial. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 18, n. 3, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/kGRtr8zH3SkNPj36qQnJmNJ/?lang=pt> Acesso em nov. 2025.
- MBEMBE, Achille. *“A crítica da Razão Negra”*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 1. ed, 2014.
- MELLO, Cleyson de Moraes. *Hermenêutica*. *Revista Interdisciplinar de Direito Faculdade de Direito de Valença*. v. 15, n. 2, pp.153-158, jul./dez. 2017. DOI: 10.24859/fdv.2017.2008. Disponível em <https://revistas.faa.edu.br/FDV/article/view/293/232>.
- PACHECO, Ronilso. *Teologia negra: o sopro antirracista do Espírito*. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019.
- SANTOS, Joe Marçal; ANDRADE, Charlisson. *A Teologia negra da libertação em James Cone: aspectos de sua hermenêutica contextual a partir de o deus dos oprimidos (1975)*. Interações, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 355–374, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/18528>.